



REUNIÃO DO G20

Ministro das Cidades, Jader Filho, mostra aos representantes das principais economias mundiais o tamanho do investimento que o Brasil terá de fazer para diminuir, até 2033, um déficit que reflete a desigualdade social e emperra o desenvolvimento

US\$ 100 bi para água e saneamento a todos

» RAFAELA GONÇALVES
Enviada especial

Rio de Janeiro — O Brasil vai precisar investir ao menos US\$ 100 bilhões (o equivalente a cerca de R\$ 558 bilhões pela cotação do dia) para reverter o déficit de acesso a saneamento básico no país. A cifra foi apresentada pelo ministro das Cidades, Jader Filho, na primeira reunião ministerial do Grupo de Trabalho de Desenvolvimento do G20 — grupo que reúne as 19 maiores economias do planeta, mais a União Europeia e a União Africana —, realizada, ontem, na capital fluminense.

De acordo com a pasta, em 2022, cerca de 30 milhões de brasileiros não contavam com acesso à água tratada e a meta é universalizar o acesso até 2033. Em relação ao esgotamento sanitário, até o ano passado, 90 milhões de pessoas não contavam com tal disponibilidade — o objetivo é reduzir para cerca de 20 milhões até 2033, alcançando cobertura de 90%.

Ao apresentar os dados, Jader Filho afirmou que, apesar dos avanços com a revisão do Marco Regulatório do Saneamento, ainda há desafios significativos, como a regularização das formas de prestação de serviços. “Temos consciência de que essa batalha será longa e exigirá muito de todos nós, mas não pode mais ser postergada”, frisou.

O ministro fez um apelo para que outros países se engajem para garantir o acesso a saneamento às populações de nações que passam pela mesma situação que o Brasil. “Para assegurar a disponibilidade e gestão sustentável da água e saneamento a todos, é imprescindível que os países tenham em vista a necessidade da mobilização ativa de recursos financeiros internacionais. Nesse contexto, faço um apelo para que os países empreendam esforços para o desenvolvimento e aperfeiçoamento dos mecanismos que viabilizem esses recursos”, exortou.

Temas em debate

O grupo de desenvolvimento deve debater três temas principais: acesso à água e saneamento, redução das desigualdades e a cooperação bilateral.

Lula se diz “assustado” com ameaça de Maduro

» HENRIQUE LESSA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse, ontem, que Nicolás Maduro deve aprender que, ao se perder uma eleição, é preciso respeitar o resultado e “ir embora”. Ele disse, ainda, que ficou assustado ao escutar a ameaça do chefe de Estado venezuelano — disse que se fosse derrotado nas urnas, no pleito do próximo domingo, poderia ter um “banho de sangue” no país, porque mergulharia em uma guerra civil.

“Fiquei assustado com a declaração do Maduro dizendo que se ele perder as eleições, vai ter um banho de sangue. Quem perde as eleições toma um banho de voto, não de sangue”, afirmou o presidente a jornalistas de agências estrangeiras, no Palácio do Planalto. “O Maduro tem que aprender, quando você ganha, você fica. Quando você perde, você vai embora”, acrescentou.

As observações de Lula mostram a gradativa mudança no apoio do governo brasileiro ao venezuelano — que há tempos é criticado, inclusive, pelos governos de esquerda sul-americanos. O presidente destacou que o Palácio do Planalto e o Ministério das Relações Exteriores (MRE) estão atentos ao

O primeiro encontro resultou em um acordo para ações que garantem acesso universal à água — os demais temas ainda serão alvo de discussão.

Em discurso na abertura do encontro, o ministro das Relações Exteriores, Mauro Vieira — coordenador do grupo do G20 relativo ao Desenvolvimento —, afirmou que a carência de serviços básicos amplia a pobreza e é uma das dificuldades para que o Brasil alcance o pleno desenvolvimento. “Água potável e saneamento básico são cruciais não apenas para o progresso econômico e social, mas, também, para a garantia dos direitos humanos, incluindo o direito à saúde e a um meio ambiente limpo, saudável e sustentável”, destacou.

Vieira lembrou que o Brasil detém uma das maiores reservas de água potável do planeta, mas, ao mesmo tempo, abriga a região semiárida mais densamente povoada do mundo. “Esse cenário compõe o duplo desafio de preservar nossos recursos hídricos e de garantir uma melhor distribuição de sua utilização”, explicou.

A universalização do saneamento básico é um dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), ajustados entre 193 países, incluindo o Brasil. De acordo com o pacto, até 2030 essas nações devem garantir disponibilidade e manejo sustentável da água e saneamento para todos.

O grupo, que é parte da Trilha de Finanças do G20, abrange também a redução da fome, pobreza, desigualdade e mudanças climáticas. A ministra do Planejamento e Orçamento, Simone Tebet, que também conduziu a mesa de debates, afirmou que “a falta do acesso à água, saneamento e higiene é uma das dimensões mais visíveis da desigualdade social”.

“É um dos elementos centrais para o desenvolvimento sustentável. Por isso, o atingimento desta meta, pactuada para 2030, exige priorização política e mobilização conjunta dos setores, não só dos órgãos públicos, mas do setor privado e da sociedade civil em nível nacional e internacional”, destacou. A ministra afirmou que o Plano Plurianual (PPA) e o novo Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) têm metas para melhorar, até 2027, esses índices no Brasil.

Fernando Frazão/Agência Brasil



Para assegurar a disponibilidade e gestão sustentável da água e saneamento a todos, é imprescindível que os países tenham em vista a necessidade da mobilização ativa de recursos financeiros internacionais. Nesse contexto, faço um apelo para que os países empreendam esforços para o desenvolvimento e aperfeiçoamento dos mecanismos que viabilizem esses recursos”

Chanceler Mauro Vieira

Guerra dificulta consenso no grupo

A presidência brasileira no G20 reconheceu, ontem, que há divergências sobre os conflitos na Ucrânia e em Gaza entre os integrantes do grupo formado pelas 19 maiores economias do planeta, mais a União Europeia e a União Africana. Na declaração, o Brasil comprometeu-se a conduzir a discussão sobre as guerras nos próximos meses, em preparação para a Cúpula de Líderes do Rio de Janeiro, em novembro.

Nos últimos dois anos, as reuniões do G20 foram marcadas pela ausência de declarações consensuais sobre as guerras. “Alguns membros e outros participantes consideraram que essas questões

têm impacto na economia global e devem ser tratadas no G20, enquanto outros não acreditam que o G20 seja um fórum para discuti-las”, observa o comunicado da presidência brasileira.

O Brasil mesmo tem uma posição bem distante da UE, por exemplo. No caso da guerra na Ucrânia, apesar de o Ministério das Relações Exteriores (MRE) ter reafirmado várias vezes que condena a invasão do país pelas tropas russas, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva jamais deu uma declaração enfática contra o presidente Vladimir Putin. Algo semelhante aconteceu em relação ao conflito entre Israel e o Hamas — a diplomacia brasileira condenou

a agressão da facção palestina e a invasão a Gaza que veio na sequência, mas Lula nunca atacou as lideranças do grupo terrorista como crítica o premiê israelense Benjamin Netanyahu.

A publicação foi a forma encontrada para contornar um impasse que se estende há algum tempo e causa mal-estar entre os integrantes do G20. Ao longo desta semana, haverá uma série de encontros entre autoridades da área econômica dos países que formam o bloco, além de eventos com ministros de áreas sociais. A agenda mais simbólica será o pré-lançamento da Aliança Global contra a Fome e a Pobreza, marcada para amanhã. (RG)

Ricardo Stuckert/PR



Fiquei assustado com a declaração do Maduro dizendo que se ele perder as eleições, vai ter um banho de sangue. Quem perde as eleições toma um banho de voto, não de sangue”

Presidente Luiz Inácio Lula da Silva

expressando preocupação com as diversas denúncias de perseguições a opositores do governo — sobretudo por meio de intimidações e a impugnação de candidatos da oposição, como Corina Yoris, que iria substituir María Corina Machado, também impedida de concorrer ao pleito. As candidatas representavam a Plataforma Democrática Unitária (PUD), principal força na oposição a Maduro.

Mudança de tom

Lula, porém, vem demonstrando uma mudança de tom em relação a Maduro nos últimos meses, apesar de ser o fiador de uma reaproximação entre o governo venezuelano e os demais países da América do Sul. Em março, quando foi comunicada a negativa do registro de Yoris, Lula criticou o presidente do país vizinho por não permitir a inscrição da opositora para a disputa.

No comando da Venezuela desde 2013, depois da morte do antecessor e padrinho político Hugo Chávez, Maduro tentará o terceiro mandato. As críticas a ele é de que pleitos não foram justos e que a reeleição, em 2018, é considerada uma farsa — pois partidos e candidatos da oposição foram proibidos de concorrer. No próximo domingo, o principal adversário de Maduro é o ex-embaixador venezuelano na Argentina, Edmundo González.